

Leneide Duarte-Plon

A tortura como arma de guerra Da Argélia ao Brasil

Como os militares franceses exportaram
os esquadrões da morte e o terrorismo
de Estado

Prefácio de
Vladimir Safatle

1ª edição



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rio de Janeiro
2016

Sumário

PREFÁCIO	15
Vladimir Safatle	
CRONOLOGIA DA GUERRA DA ARGÉLIA (1954-1962)	19
INTRODUÇÃO	25

PARTE I

1. A doutrina francesa no Brasil – A tortura como arma de combate	37
Escola Superior de Guerra de Paris	40
Mal menor ou arma legítima?	41
Pedidos de “documentação francesa”	45
A Batalha de Argel	47
Guerra civil	50
Esquadrões da morte, escola francesa	52
O golpe visto pelo adido francês	56
Adido militar era também “vendedor” das armas francesas	61
No Centro de Instrução de Guerra na Selva	63
De heróis da Resistência a torturadores na “guerra moderna”	65
Tortura como política de Estado	67

2. Rubens Paiva e Vladimir Herzog – A escola francesa	79
General Paiva Chaves desqualifica a Comissão Nacional da Verdade	83
3. O primado da informação	95
Interrogar “com insistência”	102
A formação do torturador	105
Ameaça de sequestro do embaixador francês	107
4. Diplomacia e armas	113
Fronteiras do Sul e petróleo	114
A doutrina francesa na Argentina	118
5. Kennedy, a teoria dos dominós e o “inimigo interno”	127
6. “Era a primeira vez que eu torturava alguém. (...) Eu não deveria me arrepender”	137
Rompendo o silêncio protegido pela lei de anistia	142
7. “Sem remorso nem arrependimento”, Aussaresses sai da sombra	147
O torturador Le Pen	152
8. Na Alsácia	155
9. Janeiro de 2014 – A verdade sobre a morte de Maurice Audin	161

PARTE II – ENTREVISTA COM O GENERAL FRANCÊS PAUL AUSSARESSES

10. Enfrentar um tabu e assumir a tortura – “Toda verdade merece ser dita”	169
Professor do CIGS, em Manaus	170

11. Casos Herzog e Paiva – “Fuga” e “suicídio”: os métodos dos militares na Argélia	189
Vladimir Herzog – São Paulo, 25 de outubro de 1975	192
Maurice Audin – Argel, 11 de junho de 1957	195
Rubens Paiva – Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1971	199
12. Os voos da morte – “Todas as polícias do mundo utilizam a tortura”	205
13. Aussaresses se torna vendedor de armas – Franceses na Operação Condor	209
14. O controle dos exilados brasileiros na França	221
O francês Tupamaro morto no Brasil	230
15. A Igreja sob a ditadura	235
Católico e anticomunista – “Não podíamos fazer outra coisa”	237
Homem de direita, pró-americano e definitivamente anticomunista	242
“A subversão mata. Então é preciso matar”	244

ANEXOS

“Mas então se tortura no Brasil?” – Depoimento inédito de Cecília Viveiros de Castro	257
Entrevista com Henri Alleg	267
Entrevista com Josette Audin	279
NOTAS	283
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	291